Portenhos para sempre

Porteños forever

NANCY ROZENCHAN

Resenha de AVIGUR-ROTEM, Gavriela. Kol sipur hu hatul pit'om *[Toda história é de repente um gato] Ed. Kinéret, Zmora-Beitan, Tel Aviv, 2013.*

QUANTAS CORRENTES, VERTENTES E TENDÊNCIAS EXISTEM NA LITERATURA hebraica? Quanto mais pode haver nesta literatura além de *mizrachim* [orientais], ashquenazitas [judeus do leste europeu], sefarditas [da Espanha e costa mediterrânea], religiosos, pioneiros, imigração, temas da Shoá?

É óbvio que a resposta é que há outros filões nesta escrita, menos desenvolvidos e menos conhecidos. E como há!

Em 1992 a poeta e editora Gavriela Avigur-Rotem publicou o seu primeiro romance, *Mozart não era judeu* que, na minha tradução ao português, foi lançado pela Imago em 1997. Foi o romance hebraico básico abordando judeus argentinos. A autora, nascida na Argentina em 1946 e imigrada a Israel três anos depois, construiu sua saga sobre duas famílias de judeus vindos da Europa à Argentina. Agora, no final de 2013, no seu quarto romance, *Kol sipur hu hatul pit'om* [*Toda história é de repente um gato*] Ed. Kinéret, Zmora-Beitan, Tel Aviv, judeus argentinos voltam à baila, desta vez em Israel. Judeus argentinos e seus descendentes não são o tema condutor da obra mas são os seus principais protagonistas.

Judeus provenientes da Argentina sempre foram parte do mosaico de imigrantes a Israel. Foram em geral estereotipados como o mais secular de todos os grupos de imigrantes, com orientação socialista e íntima afiliação com os movimentos kibutsianos.

Se desde a criação do Estado de Israel o impulso para esta imigração foi primordialmente ideológico, nas levas mais recentes a motivação foi a sequência de períodos de instabilidade política, as sucessivas crises econômicas e sociais e ataques à comunidade que corroeram emotiva e socialmente a população judaica do país vizinho.

Estima-se que 50 mil judeus argentinos vivem em Israel. Muitos mais se transferiram para lá nos piores momentos de incerteza, todavia, quando as condições na Argentina se tornaram mais amistosas, foi grande o número dos que retornaram. A vinculação com o país de origem continua sendo muito forte. Entre os que se adaptaram em Israel e assimilaram a sua cultura e modo de ser, ou seja, a maioria dos judeus provenientes da Argentina, a manutenção dos hábitos trazidos da América do Sul ainda é uma presença intensa, seja na língua, costumes, alimentos, assim como no fervor nacional e nos traços da personalidade e atitudes. O culto à antiga pátria mantem-se intenso mesmo após décadas de permanência em Israel.

Toda história é de repente um gato contem obviamente um gato, melhor dizendo, dois. A trama se estende lentamente, no ritmo imprevisível de um mimado gato doméstico, Shunra, que tem como paralelo um gato vira-lata, sem nome, que vive no cemité-

rio. É nestes dois planos, no mundo dos vivos e no mundo dos mortos, que se desenrola uma trama que quase não avança durante dois terços do livro, em que se mescla o fantástico com o realismo e que, no último terço, evolui de forma vertiginosa.

O caráter felino do livro não decorre dos gatos, mas do estilo de escrita. Como um gato em seu movimento, as frases circulam e deslizam, fluem tranquilamente e de forma imprevisível. A trama se move sinuosamente entre pessoas e lugares, e as transições entre os diferentes falantes não são delimitadas por pontos finais. Não há divisão em capítulos, os trechos da trama provêm um do outro, estão vinculados a uma palavra que conduz a uma nova parte do enredo, de modo que por vezes é difícil notar que se passou do mundo dos vivos para aquele dos mortos e vice-versa. Com frequência Shunra desaparece de cena, torna-se invisível, para ressurgir inesperadamente em outra circunstância e contexto, assim como reaparecem as diversas cenas do romance.

O gato Shunra é alvo do amor com Oriana e convive com ela. Nesta etapa da vida e nas circunstâncias em que vive, ela pouco tem a falar com o marido que na prática está quase sempre ausente; há anos ela não tem notícias do filho único e nem da neta. Oriana está gorda, passiva, não aprecia a imagem envelhecida em que se transformou, mal suporta as grossuras do marido e as admoestações dele sobre a sua aparência. Com frequência fala com o gato. Ela, irmãs, amigas, os respectivos cônjuges ou ex-cônjuges [ex por divórcio, abandono, doença ou morte] estão na faixa dos sessenta anos, vivem, em parte, uma vida afetiva que se esboroou, e seus descendentes [excluindo os que estão bem, dos quais nada há de interessante a narrar] se foram em busca de rumos diversos para as suas existências e não mantêm mais vínculos com pais e avós ou com o país. Há quem foi vender *faláfel* na Índia, quem se tornou religioso praticante no Brooklyn ou contraventor na Costa Rica, locais em que, sim, mantêm contato com judeus/judaísmo e/ou com israelenses. Oriana, como outras mulheres de sua faixa etária, ainda pensa às vezes no amor, até mesmo com qualquer homem jovem que esteja disponível.

A trama, de cronologia um tanto irregular, se desenrola durante o período de um ano, entre o enterro da anciã *Doña* Dorita Laufer, mãe de Oriana, e o enterro de seu abominado genro, Ilsar Shiran, marido de Oriana, caçador de pedras exóticas pelo mundo afora. *Doña* Dorita não suportava o genro pois, como israelense nato, faltavam-lhe os modos elegantes e polidos típicos de Buenos Aires, ainda que estes modos pudessem encobrir comportamentos menos dignos. Apesar das décadas vividas em Israel, os rudes comportamentos israelenses continuam sendo inaceitáveis para uma portenha. Assim, é apenas natural que *Doña* Dorita conduza a vida e a analise apenas a partir do seu viés particular.

Os eventos referem-se a duas famílias, destacando-se, em detrimento daquela proveniente da Bulgária, a de *Doña* Dorita, originária da Argentina. Esta é a que ocupa a maior parte do trama, seja dos vivos como dos mortos. Curiosamente as duas famílias falam praticamente a mesma língua-mãe [judeu-espanhol e castelhano] mas não se consideram iguais. Sim, os mortos enterrados na mesma quadra conversam, melhor dizendo, tagarelam; são uma espécie de coro grego para o passado particular de cada um assim como para o passado coletivo do país. Há ali membros de ambas as estirpes, além de outras pessoas enterradas, seus interlocutores. Os vivos não os ouvem; por vezes os vivos são visitados pelos antepassados em seus sonhos. Todavia, alguns dos vivos falam para os mortos, contam-lhes o que lhes vai na alma, quais são as novidades do mundo ou como suas vidas não lhes trazem prazeres, o que serve de material para novas bisbilhotices sob a terra.

Doña Dorita, a matriarca, mãe de Perla, Oriana, Manuel e Marta, é a dama que veio de Buenos Aires. De origem ashquenazita, egocêntrica, não perdeu o perfil portenho, somado, talvez, a resquícios de culturas anteriores provenientes da Europa Oriental. Sua fala é trazida em uma mescla de castelhano com hebraico, com os erros típicos dos falantes nativos de castelhano, e eventuais expressões em ídiche, no original, ou traduzidas daquela língua.

Orgulhosa, arrogante, gaba-se de suas lindas pernas, as mais bonitas da capital argentina. Não suporta os tênis das filhas, uma vez que, para ela, para manter a sua posição [social? de mulher? de mulher desejada que se impõe sobre o marido e filhos? enfim, primeira dama?], uma mulher deve andar sempre de salto alto. Sua coleção de sapatos de salto é legada a uma das filhas enquanto outra delas fica com os seus inúmeros anéis. É escusado dizer que a geração das filhas não usará os legados, ao menos não segundo os critérios da mãe. Beirando a crueldade, *Doña* Dorita não aceita os defeitos das filhas e, por inveja, nem a beleza de uma delas. É através da fala que a sua "supremacia" é estabelecida.

Fã das telenovelas, é aparentemente por este viés que ela julga os que compõem o seu universo. Amores e traições, como os instilados ao longo dos capítulos televisivos, e a impossibilidade de escapar a eles são transmitidos como preceitos infalíveis do comportamento humano: não existe felicidade, não há homem que não traia, não existe melhor amiga. Por fim, ela própria não escapa de sua conceituação existencial: o marido, que tem o sugestivo nome de Adorno, a deixa depois de trinta e tantos anos de casamento, parte com a jovem secretária para a Costa Rica, para uma de suas praias, para uma nova existência sem toalhinhas rendadas e engomadas, porcelana compatível, o ruído dos saltos e a pose altiva preservada de que *Doña* Dorita não abre mão. A argentinidade é também a forma de expressão além-morte, e, junto com o humor negro de todos os sepultados nas proximidades, completa o aspecto cômico da obra.

Em entrevista a Tsur Erlich[1] a autora conta que retornou à temática sul-americana no romance porque, entre outras coisas, quis se defrontar com o tipo sul-americano, da telenovela, colorido. Assim ela explica o que isto significa para ela: "Isso para mim é, em primeiro lugar, cordialidade e um comportamento agradável. Cresci nisto de uma forma natural – e só depois de 50 anos, quando vim pela primeira vez a Buenos Aires, tomei conhecimento dele. Senti como se calçasse chinelos velhos muito confortáveis. Eu disse a mim mesma, uau, quando essas pessoas imigram a Israel, que choque cultural isto representa eles: a maneira de falar, de empurrar, de abrir caminho à força, a aspereza. Imigração, neste sentido, não é fácil."

Avigur-Rotem declara que também para ela às vezes é difícil se defrontar com a rudeza israelense. Boa conhecedora do assunto, este seu novo romance lhe serve de campo para dar vazão à dificuldade de judeus argentinos acatarem os perfis impostos pela sociedade a que precisaram se adaptar, sem que, na medida do possível, dessem o braço a torcer. É impossível deixar de ser uma primeira-dama portenha.

No romance *Mozart não era judeu*, Ida Hidekel, a matriarca de uma das famílias retratadas, agoniza e morre no mesmo dia da morte de Eva Peron. Dias antes, quando todas as mulheres da família se emocionavam com o sofrimento de Evita, Ida as admoestou mencionando que aquela figura pública não sabia o que eram "*tsures*" [sofrimento, em ídiche]. Nada a ser comparado com o sofrimento de uma "mãe judia" típica. Realmente Evita não teve filhos. Neste último romance *Doña* Dorita também tem a sua carga de dores mas carrega-a de forma diversa daquela adotada no primeiro roman-

ce. Abandonada, aparentemente não perdoa o marido, mas espera que ele volte, mantem correspondência com ele, fato de que as filhas somente tomam conhecimento após a sua morte. *Doña* Dorita quis que o ex fosse enterrado em Israel e nunca perdoou o filho por ter mandado cremar o marido na Costa Rica. Por vingança, para reafirmar a sua posição nos últimos momentos da vida, exigiu ser enterrada com o anel mais precioso que recebera do filho em nome do pai. É verdade que ela jamais teve conhecimento das circunstâncias da morte do ex-marido, dos motivos da cremação ou do que representou aquele anel, fatos revelados nas últimas páginas para a filha Oriana. Além disto, *Doña* Dorita exigiu que a pedra tumular a ser erigida sobre a sua sepultura fosse cor de rosa, no que foi atendida. Em sequência, todos passam a se referir à sua tumba como *Casa Rosada*, o mesmo nome do palácio presidencial em Buenos Aires.

Obviamente não foi preciso a autora detalhar mais especificamente o caráter particular de *Doña* Dorita. Evita e o seu culto não desaparecem neste romance que lida com a família se desintegrando, alienação, violência, a idade madura e suas mazelas, a morte [que, apesar das agruras da vida, nenhum deles deseja], com eventos desencadeados por segredos, mentiras e traições, todos abordados de forma sombria somente aliviada por impagáveis elementos de humor proporcionados principalmente pelos aspectos destacados da "argentinidade" da protagonista falecida e respectiva interpretação pelas suas descendentes.

Esta descrição pode parecer um pouco deprimente, mas o livro é tão agitado do ponto de vista retórico, e caracterizado por um jogo de linguagem frenético, que esta impressão desaparece durante a leitura.

Em contraste ou, quem sabe, copiando a atitude da mãe que falava das agruras da vida para o ex-marido que faz ouvidos moucos, Oriana, a filha, abre a sua alma para o gato Shunra [gato, em aramaico]. Para conhecedores do ídiche, vale a expressão popular: *ert zi vi dem kuter* [ouve-a tanto quanto ao gato, não lhe dá ouvidos].

Morbidez à parte, não se pode deixar de salientar o intenso desejo de viver expresso da tumba por *Doña* Dorita que conduz o romance e recomenda a sua leitura:

A morte se assemelha à vida de forma alarmante, porque é impossível que o ser humano, em sua morte, seja algo que ele não foi em vida, só os tormentos do corpo deixam de existir, e o próprio corpo vai se reduzindo, mas a alma – oho! – a alma continua a tremeluzir nele como o fogo em um pavio, a alma quer, deseja, está faminta, saudosa, ansiosa por participar da vida que tem continuidade sem ela.[2]

NOTAS

1 ERLICH, Tsur. "Lechol sipur yesh tesha neshamot: im Gavriela Avigur Rotem al haktiva vekamuvan gam al hachaim" [Toda história tem nove almas: com Gabriela Avigur Rotem sobre a esperança e naturalmente também sobre a vida] in *Mehamachssan shel Tsur Erlich*, 20/12/2013. Disponível em http://tsurehrlich.blogspot.com.br/2013/12/blog-post_20.html. Acesso em 25/04/2014. Publicado na mesma data com o título de "Hachaim bli epidermis" [A vida sem epiderme] no suplemento "Diyokan" de *Makor Rishon*. Manifestação semelhante pode ser lida em LIVNEH, Neri. "How novelist Gabriela Avigur-Rotem came up with her unforgettable cat" in *Haaretz*, 12/12/2013. Disponível em http://www.haaretz.com/weekend/magazine/.premium-1.563150 Acesso em 25/04/2014. [Tradução de minha autoria, NR]

2 AVIGUR-ROTEM, Gavriela. *Kol sipur hu hatul pit'om* [*Toda história é de repente um gato*] Ed. Kinéret, Zmora-Beitan, Tel Aviv, p. 344. [Tradução de Nancy Rozenchan]

Recebido em 1º de maio de 2014.
Aceito em 1º de julho de 2014.